

A ATUAÇÃO CULTURAL DA REDE SESC EM SÃO PAULO, ENTRE ACESSIBILIDADE E EXCLUSÃO

Autor(01): André Sevilha Alves

Filiação institucional: Universidade de São Paulo (USP)

E-mail: andresevilha@usp.br

RESUMO:

Este artigo pretende abordar algo que identificamos como uma lacuna nos estudos que possuem como objeto o Sesc, a atuação da instituição no campo da cultura, considerando a sua inserção no espaço urbano, para tanto tomamos como referência a cidade de São Paulo. Refletimos sobre os locais de ocupação e ausência da instituição, tomando-a como exemplo particular da presença dos equipamentos da cultura institucionalizada na capital, apontando a partir disso duas leituras possíveis sobre a relação do Sesc com as manifestações culturais na cidade, o de agente que reforça a segregação espacial do acesso e do fomentador da democratização do acesso aos espaços formais de fruição cultural.

Palavras-chave: Sesc; Rede; Cultura institucionalizada

GT – 11: Práticas culturais na produção da cidade

INTRODUÇÃO:

Procuramos apresentar este trabalho como resultado e avanço das reflexões realizadas sobre o Sesc, tendo como recorte a atuação do Programa Cultura. Este braço de atuação da instituição abarca atividades de Audiovisual, Arte Educação, Artes Cênicas e Visuais, Biblioteca, Cinema, Literatura e Música¹. Todavia, ao invés de partirmos da atuação nacional para compreender melhor o trabalho cultural do Departamento Regional de São Paulo, como realizado no trabalho que dá origem a este artigo, já partimos do Sesc em São Paulo, privilegiando a análise da capital e das cidades da Região Metropolitana que possuem unidade do Sesc.

O Serviço Social do Comércio (SESC) surge em 1946 após reunião da recém criada Confederação Nacional do Comércio. O país se encontrava em meio ao processo exponencial

¹ A saber, o Sesc conta com outros quatro programas, que podem ser lidos como grandes campos que congregam atividades específicas da natureza do programa, são eles: Educação, Saúde, Lazer e Assistência.

de urbanização, que marcou o século XX, associado a um processo de industrialização concentrado nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo (SANTOS, 2005). Baseando-se na Carta da Paz Social (1946)², redigida por figuras consideradas importantes do empresariado brasileiro da época, o Sesc aparece como uma forma de minimizar os conflitos entre trabalhadores e patrões garantindo o que definem como justiça social. Sabemos que com o incremento da população urbana há também aumento da demanda social por serviços que se tornam típicos e essenciais à vida no meio urbano, como os educacionais e de lazer (SANTOS, 2005, p. 41). Neste sentido entendemos que o Sesc, assim como as outras entidades que compõem o Sistema S, são instituições que procuram suprir essas demandas, que existem justamente pela impossibilidade do urbano ser uma realidade para todos, contraditoriamente procura-se a justiça social, oferecendo ao trabalhador com baixa renda (segundo dados do Relatório Geral de 2019, 76,35% dos matriculados recebiam menos de 3 Salários-Mínimos) locais para a realização destes serviços sem transformar radicalmente o que é a base dessa demanda, a desigualdade fruto da sociedade de classes.

Trata-se de uma instituição privada sem fins lucrativos que atua ofertando serviços de origem diversa, desde os anos iniciais o Sesc trabalhou em áreas como o turismo³ e saúde⁴, tendo como alvo inicial da sua atuação os trabalhadores empregados na área do comércio. Atualmente, a instituição define como seu público-alvo os trabalhadores do comércio de bens, serviços e turismo, os quais podem requerer credencial plena e assim usufruir de tudo o que o Sesc oferece. A instituição oferece seus serviços com custo inferior ao que se encontra no mercado ou são gratuitos; quando aberta para o público em geral as atividades possuem preço ainda mais reduzido para os matriculados junto à instituição. Pais, filhos, enteados, netos, tutelados, avós e cônjuges, sendo comprovada a relação com o trabalhador, também podem solicitar o credenciamento e entram na categoria de dependentes. Em 2019 foram contabilizados 7.887.823 matriculados, deste montante pelo menos 2.280.805 estão

² Documento fruto da Conferência de Teresópolis (1945), que norteou os princípios de atuação de boa parte das entidades do Sistema S, com o objetivo de promover justiça social e entendimento entre empregadores e empregados.

³ Já em 1948 começa a operar em Bertioga o primeiro centro de férias da instituição, marco importante para o Sesc em São Paulo pois, da sua construção o Sesc entendeu que a sua atuação deveria ser feita prioritariamente na cidade, logo, próximo do seu público alvo (POMPOLO, 2007)

⁴ Em 1946 é inaugurada a primeira unidade do Sesc no Brasil no Rio de Janeiro e era voltada ao combate à tuberculose e assistência à maternidade, com o objetivo de diminuir os índices de mortalidade no país.

cadastrados no Estado de São Paulo (dados de 2018), no geral há uma predominância de matriculados identificados com o gênero feminino.

Tendemos a achar que o Sesc é um caso único em São Paulo pela sua configuração. Ao apresentar resultados de pesquisa sobre criatividade urbana Rodrigo Mairink (2014, p. 89) realça a importância dessa regional tanto para a cidade como para o país, mas também o considera “um exemplo mundial, justamente por representar uma instituição sociocultural com importante papel na dinâmica criativa cultural e brasileira”.

Dentre os Programas de atuação do Sesc, o Programa Cultura se apresenta como o mais aberto para a população em geral, isto é, identificamos que há uma maior quantidade de atividades concernentes a este programa que não exigem o credenciamento do usuário. Estas atividades estão divididas por blocos de acordo com a peculiaridade de cada uma delas, portanto, há o bloco das Artes Cênicas, que comporta as ações ligadas ao Teatro, Circo e Dança, o das Artes Visuais, contemplando pintura, desenho, gravura, escultura, fotografia, instalação, artesanato e multimeios, Música, Literatura, Audiovisual, nas suas variadas formas, ficção, videodança, animação e etc., Biblioteca, captação e difusão de livros, consulta, empréstimo e pesquisa documentária. Comum a praticamente todos os blocos, existem oficinas, cursos, palestras, desenvolvimento de experimentações e debates.

Nota-se que o Sesc atua não somente como um meio para a realização de atividades artísticas, disponibilizando suas estruturas, mas também pode ser entendido como um formador de futuros artistas por conta da presença dos cursos; não somente, podemos entendê-lo também como produtor e difusor de cultura na medida em que possui, ligado ao SescSP, um selo musical, o Selo Sesc, que visa revelar novos talentos nacionais e uma editora, a Edições Sesc, que publica obras sobretudo não-ficcionais, por fim, há também o SescTV que atua como um canal televisivo que pode ser assistido tanto pela internet como através de algumas operadoras de TV pagas, o canal está igualmente sediado em São Paulo. Deste modo, inserimos o Sesc, e neste caso em especial o SescSP, como um representante da cultura institucionalizada.

Por cultura institucionalizada entendemos os espaços destinados às apresentações/práticas culturais mediadas por entes públicos e/ou privados, dos quais o interesse não se manifesta, a princípio, pela busca da receita imediata com a prática, em outras palavras, são espaços nos quais o lucro não é o objetivo da sua existência. Não

desconsideramos a existência de interesses outros por parte de grandes empresas que, com justificativas sempre muito bem fabricadas, e veiculadas em textos e vídeos promocionais, investem na construção de equipamentos para tais práticas. Podemos colocar neste menu o Instituto Cultural Vale, o Itaú Cultural e o Farol Santander, entre outros que atuam no território brasileiro. Nestes casos confunde-se a divisão, sé é que podemos manifestar sua existência, entre o interesse em difundir a acessibilidade à diferentes manifestações culturais e interesses econômicos/políticos. Reconhecemos que ao adotar como recorte as práticas realizadas em espaços institucionais ocultamos toda uma prática cultural que foge, ou melhor, que é excluída destes espaços; manifestações populares, independentes e subversivas (em relação à arte inócua fabricada pela cultura mercadológica sobretudo) que, de certa forma, estão à margem da indústria cultural. Reconhecemos, também, que ao objetivarmos fazer um panorama geral para interpretarmos a cultura institucionalizada, corremos o risco de realizar análises generalizadas, e não obstante, enviesadas pela nossa experiência com a instituição de estudo e com a cultura institucionalizada em geral, que se dá/deu a partir da cidade de São Paulo, principal metrópole do país.

Observamos que cultura para o Sesc não é um investimento somente para transformar a vida dos indivíduos, mas é igualmente um investimento econômico na medida em que, ao indicar que foram direcionados mais de 1.285 bilhão de reais para a cultura, a instituição apresenta o seguinte raciocínio: “segundo estudo da FGV (DEZ/2018) sobre economia criativa, cada R\$ 1,00 investido em cultura gera, em média, R\$ 1,59 na economia local \cong R\$ 2,04 bilhões de impacto na economia do Brasil no ano” (SESC, 2019, p. 49). Valverde (2015, p.392) nos atenta para o fato de que

Na atualidade, não apenas os grandes agentes econômicos já descobriram as vantagens de um referenciamento cultural de seus mais diversos produtos, como por exemplo, os Estados já aceitaram que é preciso pensar na cultura como via importante para o desenvolvimento regional, assim como os agentes do terceiro setor já tomaram práticas culturais como formas de intervenção econômica e política sobre o mundo. Por mais impreciso que seja o próprio estatuto ontológico da cultura, é preciso reconhecer a força de sua ideia geral para o mundo real. Nesse contexto, (re)produzir cultura significaria promover intervenções no mundo que são significativas, uma vez que ultrapassam a questão da identidade e do consumo. Pensar, agir e produzir sob a justificativa cultural significaria realizar a escolha de

uma estratégia que pode aproximar agentes, mobilizar recursos e ganhar nova força no mundo globalizado.

Neste sentido se faz necessário refletir sobre as implicações da atuação do Sesc, a instalação de unidades, não apenas como um fato que interfere tão somente na vida do indivíduo, como também um vetor de mudança na vida econômica da cidade, um equipamento que ao ser fixado tende a agir no sentido de diferenciar, requalificar o local em que se insere, e que, por consequência, irá interferir em outra camada da vida deste indivíduo nas palavras de Danilo Miranda, em entrevista ao Programa Roda Viva no ano de 2006, (*apud* Pompolo, 2007, p. 237):

Ela [a unidade do Sesc] tem que ser um marco na cidade, ela tem que ter um peso na cidade. Eu quero dizer o seguinte, não é mais uma filial do SESC instalada, ela tem a característica de intervir no seu entorno. O entorno da Pompéia foi modificado, o entorno da Vila Mariana, o entorno do Belenzinho já está sendo modificado e isso é feito para qualificar nossa ação e a cidade.

A entrada de um equipamento, no nosso caso destinado a práticas culturais potencialmente implica na transformação do uso do espaço, no caso do Sesc está explícita a intenção do impacto.

Ainda no debate acerca do termo cultura e a polissemia que ele carrega, o Sesc, justamente por essa variedade, identifica que a principal característica dele é a multiplicidade e a partir disso funda-se a ação da instituição que

busca proporcionar a aproximação entre os diferentes estratos sociais e a produção artística, entendendo arte como algo de natureza subjetiva e como resultado do desenvolvimento da sensibilidade humana em consonância com os diferentes contextos sociais de cada momento histórico: a arte em seu sentido social e como forma singular de comunicação (SESC, 2015, p.11).

Há, portanto, no discurso do Sesc duas leituras da cultura que tomam sentidos opostos, de um lado reforça a importância econômica, o que tende a fomentar discursos que justificam o incentivo à arte pelo retorno financeiro, valorizando-a e do outro lado há a percepção humanística.

ENTENDENDO O SESC COMO UMA REDE:

Tanto Santos (2006 [1996]) como Dias (1996), escrevendo na segunda metade da última década do século XX, identificam um modismo recente no uso da palavra rede em discursos diversos. A observação feita pelo primeiro autor é mais crítica em relação à essa inserção, vejamos:

A voga que a palavra e a idéia de rede estão encontrando, tanto nas ciências exatas e sociais, como na vida prática, paga o preço devido a essa popularidade. A polissemia do vocábulo tudo invade, afrouxa o seu sentido e, pode, por isso, prestar-se a imprecisões e ambiguidades, quando o termo é usado para definir situações. Dá-se o mesmo com a geografia. (SANTOS, 2006, pp. 261-262)

Procuramos então aproximar o entendimento do Sesc como uma rede tendo como base os escritos de Leila Christina Dias (1996), Roberto Lobato Corrêa (2005 e 2012) e Milton Santos (2006).

Dias (1996) apresenta uma definição sucinta porém muito esclarecedora sobre o que é a rede e qual é a sua função, para a autora ela é um instrumento que viabiliza a estratégia de circular e comunicar; os nós da rede são “lugares de conexões, lugares de poder⁵ e de referência, como sugere Raffestin” (p. 148), portanto, sua razão de ser é conectar lugares, ligar um ponto, ou nó, a outro; sem estabelecer diálogo com o autor francês, Santos (2006, p. 270) afirma que “A existência das redes é inseparável da questão do poder. A divisão territorial do trabalho resultante atribui a alguns atores um papel privilegiado na organização do espaço”. Ademais, para estudar as redes a partir do novo contexto teórico, renovado mediante descobertas e avanços nos campos disciplinares, Dias (1996, p. 149) propõe uma abordagem de estudo que considera a rede na sua relação com fatores como a urbanização e com a divisão territorial do trabalho. Complementamos a partir de Corrêa (2005, p.108) que a escala mundial da divisão territorial do trabalho só foi viabilizada pela armação, durante a expansão capitalista, de numerosas redes técnicas.

Roberto Lobato Corrêa (2005 e 2012) apresenta formas de estudar as redes geográficas a partir de algumas dimensões de análise possíveis. Fazemos aqui um breve exercício de aproximar a atuação cultural do Sesc às três dimensões elaboradas por Corrêa. Segundo o autor estas dimensões “não estão dissociadas entre si” (Ibid, 2005, p. 109) e se dividem em 15 aspectos que devem ser considerados, mas não possuindo necessariamente a mesma intensidade na análise (Ibid, 2012, p.205).

Iniciamos a análise a partir da dimensão organizacional, que diz respeito à configuração interna, esta dimensão só se torna concreta se a considerarmos em conjunto do

⁵ Na rica discussão feita por Raffestin (1993) sobre o poder, a rede aparece como “o instrumento por excelência do poder”(p.204), as redes exibem-o e são feitas à imagem dele, aquele que busca tomar o poder se apropria das redes de circulação e comunicação, pois, ao controlar as redes controlam-se os homens.

tempo e do espaço (portanto às outras duas dimensões). Os agentes sociais podem ser o Estado, empresas, instituições ou grupos sociais, no caso do Sesc identificamos que ela está organizada na forma de empresa; sua origem é planejada, e não espontânea, ela é criada por um grupo social, o empresariado ligado ao comércio; a natureza dos fluxos desta dimensão podem ser mercadorias, pessoas ou informações, o fluxo de pessoas é evidente, as pessoas circulam entre as unidades para prestigiar a programação, todavia, internamente, há fluxos de informações, pois, a programação segue diretrizes; dentre as funções esta dimensão específica duas, a de realização e de suporte, a atuação cultural do Sesc se insere na função de realização; entendemos que sua finalidade é a de solidariedade, apesar de ser uma empresa, não há intuito de acumulação e também não possui fins de dominação; dentre as existências real e virtual ela se insere como real, todavia, algumas unidades podem ser consideradas como virtualmente existentes por não possuírem os equipamentos/espços para a realização das atividades culturais; sua construção é eminentemente material (apesar de ser constituída apenas por pontos); ela é uma rede formal; a organicidade não é hierárquica, as unidades atuam de forma complementar.

A dimensão temporal abarca a longevidade da rede, velocidade dos fluxos e frequência de existência. A análise da duração pode encaminhar para uma duração longa ou curta, nos exemplos de Côrrea (2005), a primeira seria a Rede Urbana Europeia, e a segunda a Liga Hanseática, portanto, em comparação com os exemplos do autor, a duração do nosso objeto é curta; em relação à frequência entendemos que os nós são, na sua intenção, permanentes e as atividades que os animam também o são nas unidades com infraestrutura especializada, porém podem ser periódicas ou ocasionais onde não há suporte adequado, ou uma atuação da unidade na área cultural.

Por fim há a dimensão espacial, caracterizada pela forma espacial, a escala e a questão da conexão. A escala é tanto nacional quanto regional, a existência do departamento nacional se dá de forma conjunta com a dos departamentos regionais, mas os nós atuam de forma local. Por fim, a conexão é tanto interna quanto externa, a programação cultural do Sesc circula pelas unidades da própria instituição como também dialoga frequentemente com a de outras instituições portadoras de equipamentos culturais e estabelece contato com uma miríade de parceiros, internacionais e nacionais, que colaboram na realização de atividades.

A partir das considerações feitas acima, podemos depreender que as redes não são instrumentos isentos, que a todos beneficiam. Assim, entendemos que a rede Sesc, seja a partir da articulação das apresentações do Programa Cultura (nosso objeto), ou considerando-a no todo, portanto a entidade Sesc propriamente dita, também não é neutra. Ademais, enxergamos a rede como um resultado e, de certa maneira, fomentador da desigualdade de acesso aos equipamentos culturais em São Paulo.

O LOCAL DA CULTURA NO SESC SÃO PAULO:

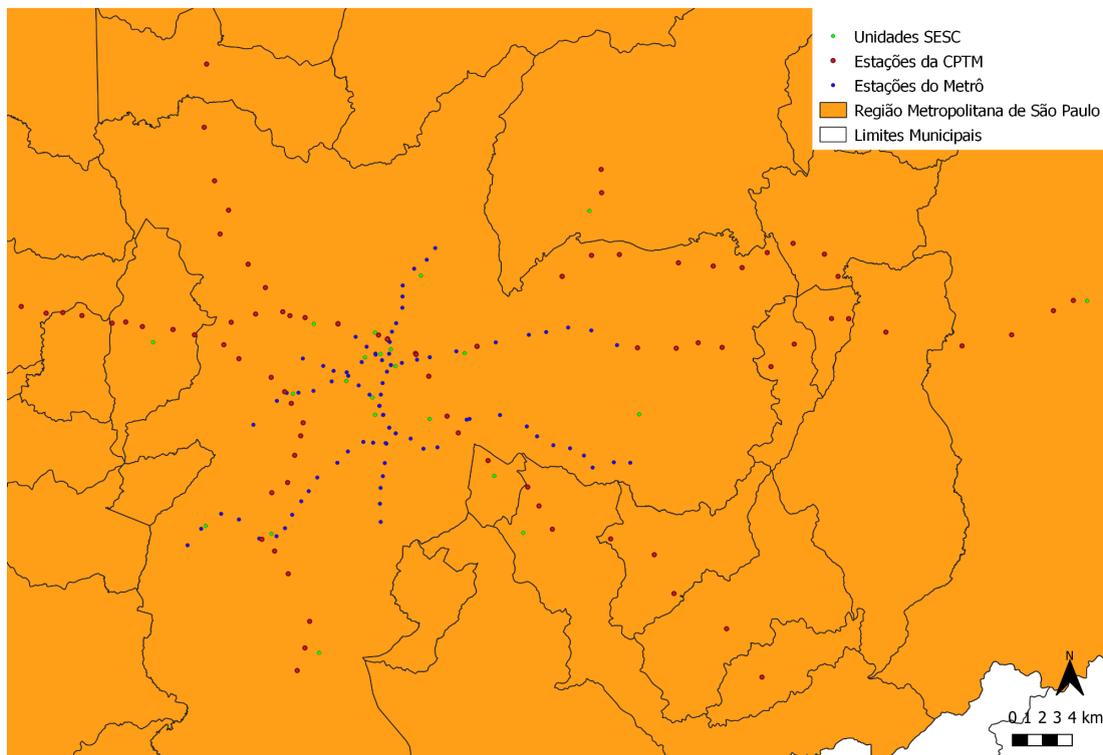
Entendemos, a partir de Pompolo (2007), que a atuação do Sesc em São Paulo passou por 3 períodos: 1º, entre 46-61, predomínio de atividades assistenciais nos centros sociais, ligadas principalmente à saúde do comerciário; 2º, entre 61-82, com foco na questão educacional; e o 3º, a partir de 1982, com ênfase nos eventos culturais mediante a inauguração da unidade Pompeia, que vira modelo de atuação e unidade para a instituição. Estando presente na capital desde a década de 40, o Sesc presenciou parte importante do processo de expansão da mancha urbana daquilo que se tornou a principal metrópole do país. No último período, próximo à inauguração da unidade em questão, o Sesc São Paulo passa a ser presidido por Abram Abe Szajman e dirigido por Danilo Santos de Miranda, este último reconhecido como uma importante figura para a transformação da marca SescSP, adquirindo a forma com a qual conhecemos ela atualmente. A forte relação do SescSP com as atividades culturais é inegável, o valor orçado no ano de 2018 para cobrir as despesas do Programa Cultura foi R\$ 957.190.175,00, valor, e proporção do investimento em relação ao orçado para outros programas, superior ao de todos os outros Departamentos da instituição.

Ao longo do processo de urbanização de São Paulo, seguindo a pauta rodoviarista nacional, privilegiou-se o transporte individual de pessoas via carro, todavia, entendemos que o transporte público por vias férreas se mostra central na organização do Sesc em São Paulo. O Mapa 1 ilustra a proximidade entre as unidades com as estações da CPTM⁶ e do Metrô⁷, o que também fica evidente no mapa é a concentração, tanto de estações como de unidades, na região central da cidade de São Paulo.

⁶ Companhia Paulista de Trens Metropolitanos.

⁷ Com linhas operadas pela Companhia do Metropolitano de São Paulo e pelo Grupo CCR.

MAPA 1 - Unidades do SescSP e rede metroviária da RMSP



Fonte: GeoSampa. Elaboração do autor.

Este mapa nos permite observar a proximidade das unidades com as estações de metrô e trem. Com exceção da unidade Itaquera, todas possuem acesso relativamente fácil de alguma estação de trem ou metrô, ou rápida conexão entre estação-ônibus para chegar à unidade, como é o caso das unidades Pompeia⁸ (entre as estações Água Branca da Linha 7 - Rubi e Palmeiras-Barra Funda) e Interlagos (conexão feita a partir da estação Primavera Interlagos, da linha 9 Esmeralda). Se, para o desenvolvimento da cidade, a circulação foi importante, ela também o é para a atuação e localização das unidades do Sesc, o que é reforçado pelo Anexo presente no mestrado de Pompolo (2007)⁹.

⁸ No projeto da futura Linha 6 Laranja consta a criação da estação SESC Pompeia

Acesso:

<https://www.metrocptm.com.br/estacao-da-linha-6-vizinha-do-allianz-parque-comeca-a-receber-atividades/>

⁹ No trabalho de Pompolo (2007), consta em anexo uma ficha avaliativa para pontuar (no sentido literal do termo) o quão propícia seria a implantação de uma unidade (AVALIAÇÃO DE TERRENO PARA IMPLANTAÇÃO DE UNIDADE - ASSESSORIA TÉCNICA E DE PLANEJAMENTO). Ao nos atentarmos à distribuição de pontos na ficha de avaliação observamos que alguns elementos são mais importantes do que outros, são privilegiados aspectos socioeconômicos, enquanto questões relacionadas aos aspectos físicos do local (parte C e itens comprometedores da parte D) estão em segundo plano.

Apesar da RMSP como um todo representar um importante aglomerado de nós quando estudamos a distribuição nacional das unidades do Sesc, ao observarmos o Mapa 1 podemos ver que dos municípios pertencentes à região metropolitana poucos possuem unidades, são ao todo 6: Guarulhos, Osasco, Santo André, São Caetano do Sul e Mogi das Cruzes. Com exceção do último (que ainda está no processo de inauguração gradual enquanto escrevemos este trabalho), todos são municípios limítrofes de São Paulo, fortemente conectados, de forma negativa, enquanto submissão/dependência historicamente construída, com o centro. Observamos que os municípios mais distantes da RMSP ficam excluídos do campo de atuação direto do Sesc, sendo inseridos na programação esporadicamente em atividades nas praças, como ocorreu eventualmente em Mogi das Cruzes antes da inauguração da unidade.

Quando falamos da concentração de unidades no centro, não nos limitamos ao centro histórico, pensamos sobretudo no centro expandido, que engloba o centro histórico e avança, principalmente, para o eixo sudoeste da capital e para uma pequena parcela da zona leste. Dentro dos seus limites estão boa parte dos locais de trabalho e também, como discutiremos a seguir, de equipamentos culturais públicos e privados.

Passamos então para a análise da localização das unidades. No mapa constam duas unidades distantes do centro, Itaquera (Leste) e Interlagos (Sul), estas possuem um caráter campestre, como se fosse um clube, com área verde e complexo aquático, o que não poderia ser realizado em regiões centrais, que são por conseguinte mais adensadas, portanto, com capacidade construtiva menor devido à ocupação vertical consolidada; já Belenzinho e Pompéia foram construídas a partir de antigas fábricas, o que explica a distribuição horizontal das unidades (e no pompeia também vertical no complexo esportivo) apesar de estarem em regiões com menor disponibilidade de terra, desta forma as unidades estão, majoritariamente, localizadas em áreas vitais dos bairros, próximo de estações, em logradouros com boa disponibilidade de linhas de ônibus e com aspecto comercial, exceto justamente, Interlagos e Itaquera. Tais unidades surgiram em momentos diferentes, de acordo com a periodização proposta por Pompolo (2007). Em vídeo divulgando o resultado de uma reunião entre João Dória e Abram Szajman e Danilo Miranda há a indicação da liberação para implantar uma unidade em São Miguel Paulista e outra em Pirituba, uma no extremo leste e outra no extremo norte, nota-se então um espraiamento da rede para zonas mais periféricas, que carecem de

uma boa infraestrutura (DÓRIA, 2017), o que já estava em pauta para a Zona Leste na criação da unidade Belenzinho, localizada no bairro homônimo e pertencente ao Distrito do Belém, Danilo Miranda menciona em entrevista que havia uma falta de presença da Zona Leste para além da unidade em Itaquera, na Rede Sesc, sendo necessária a criação de uma unidade, nas palavras do Diretor, “mais urbana, mais próxima do centro, no entroncamento de avenidas importantes de metrô e de ônibus e de trem que pudesse facilitar o acesso das pessoas ao trabalho do Sesc”, e, dessa carência, surge o projeto do Sesc Belenzinho, que veio a ser a maior e mais frequentada de São Paulo e do Brasil (TV CULTURA, 2011).

De fato o extremo Leste está representado, todavia, entendemos que o acesso da população era, e segue sendo, mais limitado em virtude da interiorização da unidade em meio à barreira verde do Parque do Carmo, dos pontos de ônibus mais próximos é preciso andar cerca de um quilômetro para entrar na unidade. O acesso é ainda mais limitado quando relembramos que até 2014 era necessário pagar para entrar na unidade¹⁰, encontramos em Oliveira (2009) que o preço para acessar a unidade Itaquera estava entre dois e seis reais.

Na época da entrevista Itaquera já poderia ser interpretada como uma centralidade periférica mais consolidada do que na época da projeção da unidade nos anos 80 (ALVES, 2018, p. 117-8). Sem desconsiderar a relevância e pertinência da unidade Belenzinho, enxergamos na sua construção e no próprio discurso de Miranda a reafirmação da importância do centro, desconsiderando a existência de centros periféricos com importantes fluxos de pessoas devido, justamente, ao entroncamento de vias e estações privilegiados para a instalação da unidade, tomemos por exemplo o distrito de Guaianases, há uma importante estação da CPTM (Linha 11 - Coral), com terminal de ônibus e número de passageiros médio superior ao da estação Belém do Metrô, superior também é o montante populacional do distrito, que em 2000 totalizava 98.391 e em 2010 103.948, em Belém os valores eram 39.712 e 45.010¹¹. Não interpretamos Guaianazes como uma centralidade periférica, assim como também não entendemos a antiga vila operária como uma centralidade, mas dotada de uma

¹⁰ “Sesc em São Paulo anuncia isenção na cobrança de entrada para todos os públicos nas unidades Interlagos e Itaquera” (31/07/2014).

Disponível em:
https://www.sescsp.org.br/online/artigo/7811_SESC+SAO+PAULO+ANUNCIA+ISENCAO+NA+COBRANCA+DE+ENTRADA+PARA+TODOS+OS+PUBLICOS+NAS+UNIDADES+INTERLAGOS+E+ITAQUERA

¹¹ Dados obtidos pela plataforma SEADE. Disponível em:
<https://populacao.seade.gov.br/evolucao-populacional-msp/>

centralidade local importante ligada à estação semelhante a de Itaquera anterior ao metrô, com alto potencial de público devido à movimentação de pessoas e sua conexão com outros municípios da RMSP, como Ferraz de Vasconcelos, Poá e Suzano.

Privilegia-se o urbano ao/como o centro, excluindo, ou desconsiderando, a periferia como parte do urbano, pois, a unidade Itaquera, assim como a Interlagos, almejam, na sua proposta, serem o oposto do urbano, distante do centro e de sua movimentação, incentivando o lazer próximo à natureza.

Contando com a inauguração futura das unidades presentes no vídeo promocional do canal do prefeito, ainda, em exercício João Dória, todas as zonas exceto na Zona Oeste, na qual as duas unidades (Pompeia e Pinheiros) estão dentro do chamado centro expandido, contarão com unidades na periferia. Entendemos este movimento como um avanço na disponibilidade de equipamentos culturais, permitindo assim a realização de atividades, novos usos do espaço urbano no bairro.

O Mapa 2 ilustra a concentração das unidades nesta área da cidade de São Paulo, que é de certa forma a área da cidade na qual há maior disponibilidade de aparelhos culturais e de lazer na cidade, concentração de renda e infraestrutura no geral. É também o lugar onde se concentram os postos de trabalho da população, a localização está, portanto, próxima do local de trabalho do comerciário, o que pode ser entendido como uma facilidade para a pessoa acessar a unidade e praticar as atividades de interesse após o expediente.

Com exceção das unidades Santana (ao norte), Itaquera (ao leste) e Interlagos, Campo Limpo e Santo Amaro (ao sul), todas as infraestruturas da instituição estão concentradas na área central expandida da capital, que comporta as novas centralidades. Essa concentração do Sesc, como veremos, está de acordo com a concentração geral dos equipamentos culturais, ilustrado no Mapa 3. Estas concentrações numa cidade do porte de São Paulo, com seus extremos distantes e problemas de circulação, acentuam a segregação da periferia, portanto, das camadas mais pobres da população, excluindo do acesso fácil aos equipamentos culturais, pois, considerarmos o local de trabalho próximo como um fator positivo é obscurecer a rotina extremamente regrada do trabalhador.

A partir dos anos 70 o lazer passa a ganhar destaque na atuação da entidade, segundo Cenni (1991, p.294) o Sesc se configura como uma “empresa de prestação de serviços de lazer, prevalecendo a ideologia da democratização de bens culturais no tempo livre” e isso

ocorreu principalmente no Rio de Janeiro e São Paulo, recordamos que até o fim da década de 70 a mancha urbana ocupava uma área dez vezes maior do que na década de 30, expondo a desconcentração de moradia dos trabalhadores, que acompanhava a desconcentração industrial na cidade (KOWARICK, 2009), Alves (2018, p.115) avança na contribuição para problematizar a efetividade dessa democratização (para o trabalhador pobre) na medida em que as periferias “surtem como o lugar da possibilidade de morar para o trabalhador, que, em geral terá que se responsabilizar pela construção de sua moradia.”, portanto se o lazer e a cultura, e constantemente a cultura, as apresentações artísticas mais especificamente, se confunde com o lazer no senso comum, e neste trabalho para fins de discussão aproximamos ambos, deveriam ser acessíveis ao trabalhador no tempo livre, cabe-nos perguntar qual é esse tempo livre, se para sua reprodução é preciso não somente vender a sua força de trabalho como também erguer a própria casa, prática definida por Kowarick (2009, p. 30) como um “sobre trabalho gratuito”. Em que pese o distanciamento entre o período mencionado e o da escrita deste trabalho, a periferia não cessou de crescer, e também de se diferenciar, segundo Alves (2017, p. 116) “Hoje existem vários tipos de periferias, algumas já consolidadas, e com um determinado conteúdo, outras surgindo nas bordas da cidade e da região metropolitana, muitas vezes com realidades e paisagens parecidas com as dos anos 1970.”, há, então, áreas periféricas com melhor infraestrutura urbana, com acesso à rede elétrica, saneamento básico, entretanto, em situação semelhante ao do século passado em relação ao acesso/direito ao lazer e à cultura. Estes seguem sendo privilégios mais facilmente acessados pelas camadas mais abastadas, e que chegam na periferia não sem um longo processo de reivindicação popular por esse tipo de infraestrutura urbana.

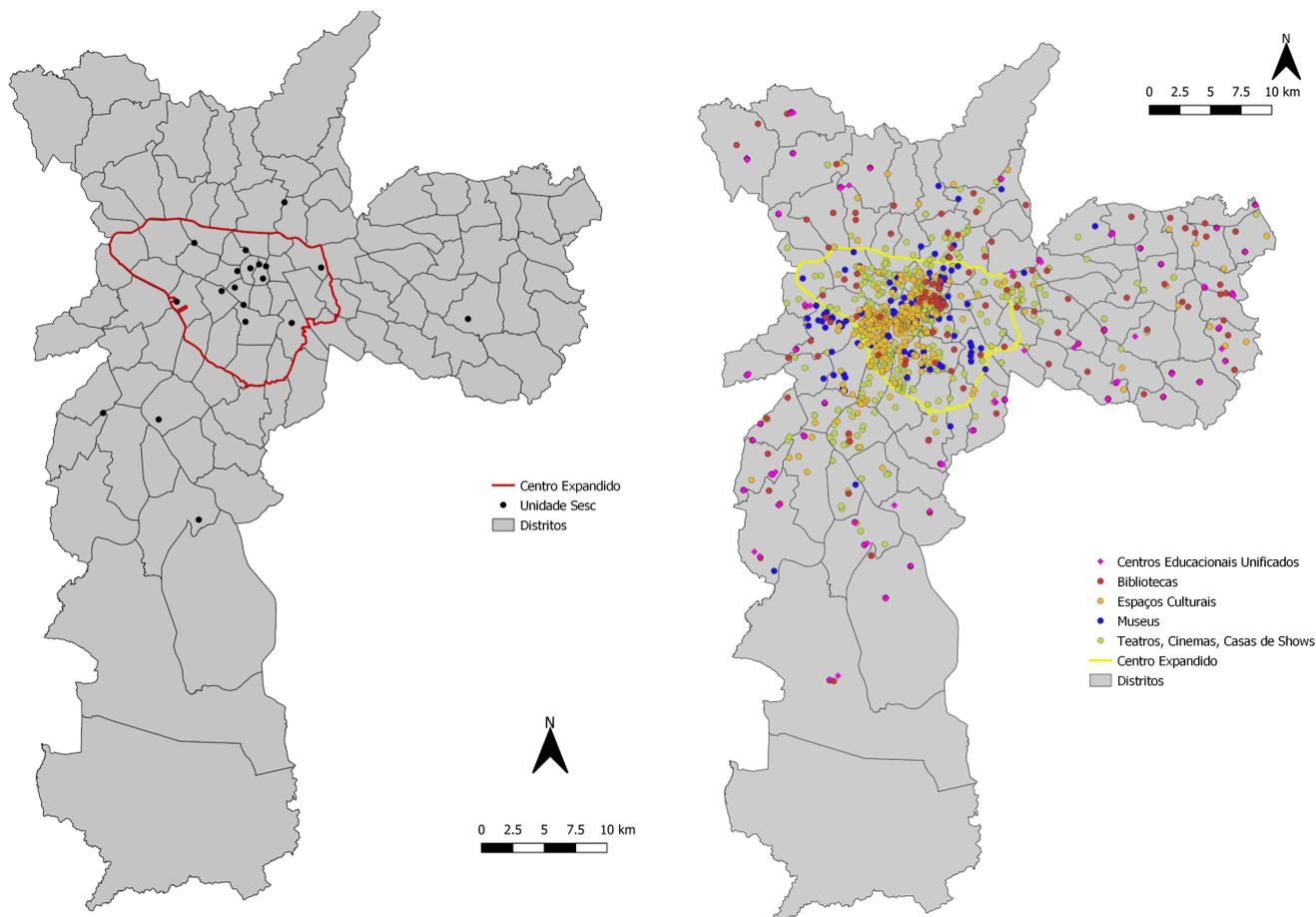
Theodor Adorno (2021, p.97) assevera que “o tempo livre é acorrentado ao seu oposto. Essa oposição, a relação em que ela se apresenta, imprime-lhe traços essenciais. Além do mais, muito mais fundamentalmente, o tempo livre dependerá da situação geral da sociedade”, sendo seu oposto o tempo do trabalho. Em Henri Lefebvre (1991, pp. 61-62) encontramos uma terceira categoria do tempo, para além do tempo obrigatório (trabalho) e do tempo livre (lazer, que rompe momentaneamente com o cotidiano, entretanto passa a ser “o espetáculo generalizado”) há o tempo imposto, consumido, por exemplo, pelas formalidades e pelos momentos de deslocamento, segundo o autor este tempo passa a ganhar terreno e “aumenta mais rápido do que o tempo dos lazes”, neste movimento mina-se as

possibilidades, sobretudo dos segmentos pobres da população, que mais sofrem com o aumento do tempo imposto, do encontro às e nas manifestações artísticas no dia-a-dia, dentro e fora de espaços concebidos para tais práticas, privilegiando-se, não por opção geral mas como modelo imposto pela segregação socioespacial, a fruição individual via TV e Internet, no conforto do lar, sem correr o risco, amplamente veiculados de forma sensacionalista com o intuito de disseminar o terror, de se deparar com a violência/adversidades da rua.

Depreendemos que deste agrilhoamento do tempo há um elemento essencial para interpretarmos a acessibilidade ao Sesc, e aos equipamentos culturais em geral. Sendo dependente da condição geral da sociedade o tempo livre não pode ser concebido como o tempo após o expediente até o horário de repouso do trabalhador, este momento é amplamente reduzido para o trabalhador urbano periférico paulistano, o qual gasta boa parte do seu dia e da sua renda no deslocamento entre o trabalho e o local de moradia, o tempo imposto. Acorrentado também ao invadir constantemente o pensamento do indivíduo ao realizar as atividades deste tempo fora da sua morada, pois é preciso atentar-se para não perder o ônibus, entre outras amarras da rotina, que na realidade destes milhares/milhões de trabalhadores pobres torna incabível a pergunta descarada problematizada por Adorno¹²; este momento fugaz segue refém do trabalho, no sentido de que parte da renda passa a ser consumida por, tendencialmente, o gasto do tempo livre se desdobrar não sem o gasto monetário, o que torna ainda mais difícil o acesso, até mesmo físico pois da necessidade de arcar com o alto custo para se deslocar na cidade. Partimos então para o fim de semana, momento no qual o tempo livre pode ser realizado mais tranquilamente, não sem um planejamento, pois é preciso pensar no gasto com o transporte até o local, que tende a ser longe, e na disponibilidade de transporte público, porque a frota de ônibus e trem nestes dias são reduzidas. Desta forma, o espaço urbano impõe a necessidade de racionalizar o tempo a ser gasto com a audiência às práticas culturais.

¹² “A falta de fantasia, implantada e insistentemente recomendada pela sociedade, deixa as pessoas desamparadas em seu tempo livre. A pergunta descarada sobre o que o povo fará com todo o tempo livre de que hoje dispõe - como se fosse uma esmola e não um direito humano - baseia-se nisso.” (ADORNO, 2021, p. 104).

Mapa 2 Unidades do Sesc e Centro Expandido Mapa 3 Distribuição dos equipamentos culturais em São Paulo



Fonte: Sesc São Paulo (2) e GeoSampa (3). Elaboração do autor.

Da leitura do Mapa 3 é confirmada a maior integração, pela proximidade física e facilidade de acesso aos equipamentos culturais, da unidade Belenzinho com o que podemos chamar de centro da vida cultural institucionalizada da capital do que com a da Zona Leste, onde a presença é pontual. Dois movimentos importantes para a compreensão da distribuição espacial destes equipamentos estão representados neste mapa para além da simples ilustração da concentração. Primeiro, a maior capilaridade dos equipamentos culturais nos extremos, nas áreas periféricas da capital, se dá a partir de espaços públicos; são as Fábricas de Cultura, Casas de Cultura, Bibliotecas e Centros Educacionais Unificados, a cultura institucionalizada

privada com interesse público não atinge esses espaços¹³, ela se instala principalmente em três centralidades da cidade; o centro antigo/histórico, a Avenida Paulista e a nova centralidade de Pinheiros (eixo sudoeste da capital), já transformada, junto com a Vila Olímpia e Itaim na realização da Operação Urbana Faria Lima, que desapropria uma área originalmente residencial, mudando significativamente o uso do solo (CARLOS, 2017), e com transformação também significativa na segunda metade do século XXI, com a chegada do metrô (ALVES, 2017). Segundo, a presença massiva de equipamentos intimamente ligados à cultura na sua forma mercadoria, a partir do consumo das salas de cinema das grandes redes como Cinemark, e das galerias de arte (identificadas na plataforma GeoSampa como parte do grupo de equipamentos Espaços Culturais, estes espaços estão notadamente concentradas nos Jardins e em Pinheiros), apesar de serem tradicionalmente abertas ao público, as galerias representam o oposto da democratização do acesso à cultura, pois partem da apropriação privada do objeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Coexistem, portanto, dois movimentos/ações que podem ser lidos a partir da atuação do Sesc no campo da cultura. O próprio do urbano, no qual a dimensão espacial do Sesc reflete a segregação socioespacial no e do espaço urbano, evidenciando o direcionamento espacialmente seletivo do investimento de capital na construção de equipamentos para receber manifestações artísticas. Por outro lado, há o movimento que caminha para a democratização do acesso à cultura e da oferta de espaço para artistas menores e também aqueles já consolidados no cenário nacional. Apesar de reduzida, em relação à sua presença na região central da cidade, consideramos de suma importância a presença do Sesc nas áreas periféricas por se tratar de um agente que opera cobrando um custo inferior ao tradicionalmente cobrado em outros espaços formais de acesso (casas de show, cinemas) privados; e pela proposta de circular na sua programação eventos que, via de regra, não estão inseridos na agenda cultural de mercado.

REFERÊNCIAS

¹³ Também pertencente ao Sistema S, o SESI possui unidades na capital e no interior, todavia, sua inserção no Estado está mais ligada à educação, com a presença de diversas escolas, todavia há duas unidades do Teatro Popular da instituição na capital. Assim como o Sesc o Sesi possui unidades móveis, no campo da cultura há uma carreta para atividades (Unidade Móvel de Artes e Cultura).

- ADORNO, T. W. **Tempo livre**. In: ADORNO, T. W. Indústria cultural e sociedade. São Paulo, Paz e Terra. 13ª edição. pp. 97- 110
- ALVES, G. A. **As centralidades periféricas: da segregação socioespacial ao direito à cidade**. In: Carlos, A.F.A.; Santos, C.; Alvarez, Isabel P. (Orgs.). Geografia urbana crítica: teoria e método. São Paulo: Contexto, 2018. pp. 109-124.
- CARLOS, A.F.A. **Espaço-tempo da vida cotidiana na metrópole**. São Paulo: FLCH, 2017.
- CENNI, R. **Três centros culturais na cidade de São Paulo**. Dissertação de mestrado - Escola de Comunicação e Artes, USP, 1991.
- CORRÊA, R. L.. **Dimensões de análise das redes geográficas**. In: CORRÊA, R.L. Trajetórias Geográficas. 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. pp. 107-118
- CORRÊA, R. L. **Redes Geográficas: Reflexões sobre um tema persistente**. *Cidades - Revista Científica*. Unesp Presidente Prudente, v. 9 n. 16. p. 199- 218. 2012.
- DIAS, L. C. **Redes: emergência e organização**. In: Geografia: conceitos e temas. Orgs: CASTRO, I.E; CORRÊA, R.L.; GOMES, P.C.C. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1996. pp. 141- 162.
- DORIA, J. Parceria com a Fecomercio e o SESC. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TAnO9sYIyJE>> . Acessado em: 09/09/2020.
- KOWARICK, L. **Escritos Urbanos**. São Paulo, Editora 34, 2009. 2ª ed.
- LEFEBVRE, H. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo, Ed. Ática, 1991.
- MAIRINK, R. **SESC – o livre acesso à cultura na cidade de São Paulo**. *CIDADES, Comunidades e Territórios*, [s. l.], ed. 28, p. 88 - 102, 30 jun. 2014. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/cct/article/view/9066>. Acesso em: 3 nov. 2021.
- OLIVEIRA, M. C. V. **Instituições e públicos culturais: um estudo sobre mediação a partir do caso SESC-São Paulo**. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, USP, 2009.
- POMPOLO, C. A. **Um percurso pelos SESC's: uma leitura das transformações tempo-espaciais**. Dissertação de Mestrado - Arquitetura e Urbanismo, USP, 2007.
- SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**. Edusp, São Paulo. 4ª ed. 3ª reimpr. 2006.
- SANTOS, M. **A Urbanização Brasileira**. Edusp, São Paulo, 5ª ed. 2005.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO. **Carta da Paz Social**, Rio de Janeiro, 2012.

Disponível em:

<https://www.sescrrio.org.br/wp-content/uploads/2021/08/Anexo-II-Carta-da-Paz-Social.pdf>

Acesso em: 17 fev. 2020.

VALVERDE, R. R. H. F. (2015). **A Indústria Cultural como objeto de Pesquisa Geográfica**. *Revista Do Departamento De Geografia*, 29, 391-418.

<<https://doi.org/10.11606/rdg.v29i0.102082>>

TV CULTURA. Provocações 24 com Danilo Santos de Miranda - Bloco 1 ao 4. 2011.

Disponível em: <https://youtu.be/Z1JUPBrR-mA> (bloco 1), <https://youtu.be/isln5Br96UY> (bloco 2)

<https://youtu.be/epRGuPJAsR4> (bloco 3) e <https://youtu.be/iDvuAKpIqS8> (bloco 4). Acesso em: 10/09/2020.